

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS HUMANIDADES**

GABRIEL VARREIRA GASPERIN

**TEOLOGAR E CRISTIANIZAR A LIBERTAÇÃO: OS CONCEITOS QUE
PERMEIAM A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O CONCEITO DE CRISTIANISMO
DA LIBERTAÇÃO NA OBRA DE MICHAEL LÖWY**

**CAXIAS DO SUL
2020**

GABRIEL VARREIRA GASPERIN

**TEOLOGAR E CRISTIANIZAR A LIBERTAÇÃO: OS CONCEITOS QUE
PERMEIAM A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O CONCEITO DE CRISTIANISMO
DA LIBERTAÇÃO NA OBRA DE MICHAEL LÖWY**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado à banca examinadora como
requisito para aprovação no curso de
Licenciatura em História pela
Universidade de Caxias do Sul.
Orientador Prof. Dr. Ramon Victor Tisott

CAXIAS DO SUL

2020

GABRIEL VARREIRA GASPERIN

**TEOLOGAR E CRISTIANIZAR A LIBERTAÇÃO: OS CONCEITOS QUE
PERMEIAM A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O CONCEITO DE CRISTIANISMO
DA LIBERTAÇÃO NA OBRA DE MICHAEL LÖWY**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado à banca examinadora como
requisito para aprovação no curso de
Licenciatura em História pela
Universidade de Caxias do Sul
Orientador Prof. Dr. Ramon Victor Tisott

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ramon Victor Tisott
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Profa. Dra. Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

AGRADECIMENTOS

Todo este trabalho só foi possível graças à minha companheira de vida, Dona Terezinha Varreira. Essa figura icônica, a quem chamo de vó, foi fundamental em toda a minha caminhada acadêmica, tanto no suporte emocional, quanto no suporte financeiro. Não há como descrever a importância e a influência que ela teve sobre mim. Minha militância política e pessoal se deve a ela, por isso, a concedo meu eterno agradecimento, a quem todo este trabalho é dedicado. Em nome de minha avó, agradeço aos demais familiares que também me incentivaram e fizeram com que eu persistisse na caminhada.

Agradeço ao meu orientador Ramon Victor Tisott, que me instruiu de todas as formas. Posso afirmar, com toda a certeza, que suas intervenções e orientações construíram esta monografia. Agradeço-o por “aturar” as exaltações e ansiedades que tomaram conta de mim no decorrer da escrita deste trabalho, algo que nunca saberei retribuir de forma concreta.

Agradeço aos meus amigos que estiveram ao meu lado e aqui cabem menções: Klisman de Oliveira, Arthur Fachini Maziero, Luan Moraes, Mayara Chiosi, Gustavo da Luz Trindade, Augusto Comerlato Castagna, Rogerio Goes da Silva e Leandro Melo. Todo e qualquer apoio proveniente da parte de vocês foi imprescindível para a realização desta monografia.

Agradeço, enfim, às pessoas que passaram por essa jornada que, porém, por motivos maiores, não permaneceram na caminhada. Poderão contar com minha gratidão pois, sem dúvidas, ensinaram-me enquanto indivíduo e enquanto acadêmico.

"Não estamos alegres, é certo, mas também por que razão haveríamos de ficarmos tristes? O mar da história é agitado. As ameaças e as guerras havemos de atravessá-las, rompê-las ao meio, cortando-as como uma quilha corta as ondas".

Vladimir Maiakóvski

RESUMO

A pesquisa trata dos conceitos e definições da Teologia da Libertação (TdL) na América Latina apresentados na obra de Michael Löwy. A presente pesquisa tem como objetivo analisar a forma como a Teologia da Libertação e o Cristianismo da Libertação se constituem e são apresentados na historiografia, focalizando o livro *O que é Cristianismo da Libertação - Religião e Política na América Latina*. A obra acima referida é a fonte principal desta monografia; é o livro norteador através do qual foi possível construir uma análise mais a fundo em relação ao tema. Além dessa obra, são abordados outros artigos de diversos campos, como o teológico, histórico e sociológico. Buscou-se realizar uma análise crítica da obra acima referida, identificando a narrativa histórica da TdL na América Latina e os conceitos apresentados. A partir disso, há uma breve análise de como se encontra a TdL no tempo presente. Tratando-se do referencial teórico e bibliográfico, fez-se uso de obras recentes a respeito do tema. Por fim, surge a conclusão de que o Cristianismo da Libertação é um processo que se constrói diariamente, nos mais diversos setores católicos e do campo progressista.

Palavras-chave: Cristianismo da Libertação. Teologia da Libertação. Michael Löwy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 HISTORIOGRAFIA E TRAJETÓRIA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	9
3 ANÁLISE DA OBRA DE MICHAEL LÖWY	19
4 TERIA A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO CHEGADO AO FIM?	27
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa trata dos conceitos e definições da Teologia da Libertação (TdL) na América Latina, apresentados no livro *O que é Cristianismo da Libertação – Religião e Política na América Latina*, de Michael Löwy (2016).

São diversos os objetivos que especificam a pesquisa, a fim de contemplar os mais variados temas que abrangem o estudo.

O primeiro objetivo é apresentar a trajetória da Teologia da Libertação, no intuito de se entender como ela se constituiu ao longo dos anos. O segundo propósito é identificar os conceitos teóricos encontrados na obra de Michael Löwy, para construir uma análise sobre o tema. Outro propósito é fazer uma reflexão sobre a Teologia da Libertação no tempo presente, necessária para uma compreensão mais crítica.

Esses três primeiros tópicos têm como objetivo, principalmente, contextualizar e analisar criticamente a construção da Teologia da Libertação até os dias atuais. Nesse sentido, é imprescindível entender a historicidade desses processos.

Para aprofundar ainda mais o tema, o presente trabalho tem o intuito de identificar novas ideias, visto que se trata de um campo amplo de debate do pensamento e suscetível às críticas e reflexões.

A obra acima referida é a fonte principal desta monografia. É o livro norteador através do qual foi possível construir uma análise mais a fundo em relação ao tema. Além dessa obra, são abordados outros dois livros importantes: *Teologia do Cativo e da Libertação* (1975), do teólogo brasileiro Leonardo Boff, e *Teologia da Libertação: Perspectivas* (1976), elaborado pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez. Além disso, outros artigos são utilizados como adjuntos na nossa análise, sendo eles do campo teológico, histórico e sociológico.

A busca por atingir os objetivos traçados iniciou com uma análise do livro *O que é Cristianismo da Libertação Religião e Política na América Latina* (2016), de Michael Loöwy. Após a leitura, foi analisada a historiografia da TdL na América Latina e os conceitos teóricos apresentados. A partir disso, realizou-se a análise de como se encontra a TdL no tempo presente e sua descrição, com o propósito de relatar sua atualidade.

Tratando-se do referencial teórico e bibliográfico, com a finalidade de fundamentar a análise crítica, fez-se uso de obras recentes a respeito do tema, destacando o artigo *A historiografia da Teologia da Libertação e a Questão dos Pares Assimétricos* (2012) escrito por Mairon Escorsi Valério, e a dissertação *Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizada na Igreja* (2006) apresentada por Sandro Ramon Ferreira da Silva.

Esta monografia foi dividida em três capítulos, para que se possa contemplar todas as análises propostas. O primeiro capítulo será uma historiografia da Teologia da Libertação. Sua finalidade é possibilitar o entendimento daquilo que os autores articulam sobre este assunto.

No segundo capítulo, será realizada a análise dos conceitos teóricos do livro *O que é Cristianismo da Libertação Religião e Política na América Latina* (2016) redigido por Michael Loöwy. Serão estabelecidas relações com alguns teóricos importantes que construíram ideias acerca da TdL.

Por fim, como considerações finais e terceiro capítulo, eis uma tentativa de responder à pergunta: teria a Teologia da Libertação terminado? Este questionamento abrirá espaço para que possamos entender como a Teologia da Libertação encontra-se nos mais diversos âmbitos.

2 HISTORIOGRAFIA E TRAJETÓRIA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

"Condene-me, não importa, a História
me absolverá"

Fidel Castro

Este capítulo tem como objetivo introduzir a Teologia da Libertação por meio de contribuições de intelectuais sobre o tema. Para isso, o capítulo será dividido em quatro partes: o primeiro segmento é esta breve introdução; o segundo apresentará os autores escolhidos e a justificativa da escolha; a terceira parte será uma comparação entre o desenvolvimento da Teologia da Libertação e conceitos apresentados pelos autores; por fim, a última parte será uma breve conclusão e reflexão acerca do tema. À vista disso, o intuito é a construção de uma historiografia¹ da Teologia da Libertação, que propõe trazer reflexões históricas e novas perspectivas teóricas.

É imprescindível que haja um breve comentário em relação à igreja europeia, em especial, acerca dos católicos franceses, que iniciaram o pensamento progressista cristão. Quem explica isso é o historiador Eduardo Matheus de Souza Dianna, em seu artigo *A Teologia da Libertação e o Movimento dos Cristãos para o Socialismo no Chile entre os anos de 1970 e 1973* (2016). O autor salienta que "é interessante observar as aspirações socialistas dos padres franceses desde os anos 1930 que culminaram num processo de 'abertura' da Igreja europeia, a partir dos anos 1960, e da Igreja latino-americana, a partir dos anos 1970". (DIANNA, 2016, p. 3).

Portanto, a TdL recebera influência de pensadores europeus, em especial de Charles Péguy (1873-1914), católico francês e membro do Partido Socialista, que colaborou teoricamente para o processo de abertura eclesial acima mencionado.

¹ O conceito de historiografia é embasado no livro *A História Escrita teoria e história da historiografia* (2006), organizado pelo Jurandir Malerba, e no artigo *Historiografia como analítica da historicidade* (2013), de Valdei Lopes de Araújo. "Não há dúvida de que a historiografia é uma representação do passado" (MALERBA, 2006, p.19). Nessa acepção, seria correto afirmar que a reconstrução, a problematização, a memória e os conceitos que cercam algum assunto histórico fazem parte da historiografia. Segundo Valdei Lopes de Araújo (2013, p. 41). "a historiografia como ciência é, por definição, uma máquina de impropriedade, de transformação do tempo histórico em objeto pronto para os mais diversos usos sociais".

Ao decorrer da pesquisa sobre a Teologia da Libertação e seu desenvolvimento, pode-se encontrar diversos intelectuais – entre eles, teólogos e historiadores – que dedicaram seus estudos à formação e desenvolvimento da TdL.

Com isso, há diversas perspectivas e formas de analisar o surgimento, o desenvolvimento e a atual situação do pensamento da TdL. Em primeiro lugar, destaco o intelectual marxista Michael Löwy, que em sua vasta produção acadêmica trouxe a relação entre a TdL, o marxismo e a América Latina. No que diz respeito a tais questões, cabe destacar a obra estudada nesta monografia *O que é o Cristianismo da Libertação – Religião e Política na América Latina* (2016), e isso se deve ao fato de que ela contempla teoricamente a relação dialética entre os conceitos acima mencionados. Além disso, o autor cita exemplos efetivos em relação à participação da TdL em processos revolucionários, como o caso da Nicarágua², reforçando a importância da Teologia da Libertação.

Outro autor analisado é o teólogo Genézio Darci Boff, conhecido como Leonardo Boff, um dos pioneiros da TdL, principalmente no Brasil. Partindo de uma análise teológica, Leonardo Boff traz conceitos importantes para a pesquisa. Como o exemplo da obra *Teologia do Cativo e da Libertação* (1975) em que o autor analisa o conceito de libertação da América Latina, que, inclusive, será analisado na monografia mais à frente. Além disso, a escolha do Leonardo Boff se justifica por ser um dos principais intelectuais influentes da TdL desde a criação dela.

O doutor em História, Mairon Escorsi Valério, apresenta uma importante reflexão acerca da TdL em seu artigo *A Historiografia da Teologia da Libertação na América Latina e a Questão dos Pares Assimétricos* (2012). Além de apresentá-la a partir de uma análise histórica, ele tece relações importantes como a que há entre a igreja conservadora *versus* a igreja progressista. Tal conceituação é importante para que se entenda a construção e o desenvolvimento da Teologia da Libertação em uma perspectiva historiográfica.

O historiador Sandro Ramon Ferreira da Silva também analisa a TdL a partir de uma perspectiva histórica. A escolha desse autor foi baseada em sua dissertação *Teologia da Libertação: Revolução e Reação Interiorizadas na Igreja* (2006), que, por sua vez, apresenta a construção da TdL no âmbito histórico e social. Em outras palavras, traz relações – assim como Michael Löwy – entre a TdL e os processos

² O exemplo da Nicarágua é contundente, principalmente pelo fato da TdL influenciar diretamente na Frente Sandinista de Libertação Nacional.

revolucionários, além de incluir no estudo o exemplo do Brasil com as Comunidades Eclesiais de Base.

Ao analisar a forma como cada autor desenvolveu a história da Teologia da Libertação, pode-se perceber alguns pontos que são comuns e outros pontos que diferem-se. No que se refere aos pontos de concordância, é possível relatar que nos anos 1960 surgiu uma nova consciência sobre "ser igreja", em especial com o Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII. O Concílio foi um marco histórico para os católicos, pois diversas mudanças ocorreram nesse processo. Conforme consta no *Cadernos Teologia Pública*³, o Concílio Vaticano II (LIBÂNEO, 2005, p.5)

encerrou a longa etapa da Contra-Reforma e da neocristandade, modificando profundamente o clima da Igreja. A sua contextualização implica vários passos:

1. Alguns traços da Igreja da Contra-Reforma;
2. Realidades socioculturais que provocaram a crise desse modelo;
3. A crise dentro da Igreja, provocada pela entrada da modernidade;
4. Fatores imediatos que decidiram sobre a convocação e a orientação do Concílio nos seus inícios;
5. Evento conciliar.

Nesse sentido, é perceptível que a igreja tenha tentado atrair seus fiéis tornando-se mais acessível, principalmente, para a juventude.

Outra conferência a ser destacada é a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que ocorreu em Medellín, em 1968. A partir desses dois encontros, a Teologia da Libertação começou a ganhar forma, por meio da análise social sobre o subcontinente latino-americano.

Aqui, cabe destacar a importância do papel de Medellín, cidade pertencente à Colômbia, o berço da Teologia da Libertação. Significativamente, é expressivo e representativo que seja em um país latino-americano. Quem relata melhor essa relação é o doutor em Ciências Teológicas, Agenor Brighenti, no seu artigo *Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica* (2018). Segundo o autor, não haveria Teologia da Libertação sem Medellín (BRIGHENTI, 2018, p. 545).

³ A publicação dos *Cadernos Teologia Pública*, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade (2005, p. 3).

Por essa razão, começa ali, em um país sul americano, a ascensão de uma teologia que viria ser

o novo rosto, que fez a igreja na América Latina ser uma “Igreja reflexo” da Igreja europeia, foi plasmado, entre outros pelas comunidades eclesiais de base, a leitura popular da Bíblia, por uma Igreja pobre e para os pobres, a pastoral social e os mártires das causas sociais (BRIGHENTI, 2018, p. 545).

Portanto, alguns teólogos e intelectuais, como o peruano Gustavo Gutiérrez e o brasileiro Leonardo Boff, começaram a construir a ideia de que era necessário cada vez mais olhar para as classes subalternas e ajudá-las em sua libertação, a exemplo do povo israelita que se libertou da escravidão no Egito, conforme o livro do Êxodo.

A Teologia da Libertação se constitui sob uma ótica, sobretudo da igreja, para com os oprimidos. É a experiência e a opção pelos pobres, "é lutar a favor dos direitos humanos violados" (BOFF, 1975, p. 9), seguindo o exemplo de Jesus. Interpretar esse tipo de teologia é fazer a opção pela libertação. Para Boff, essa característica se dá pelo processo de romper com a dominação da burguesia sobre os pobres e, conseqüentemente, romper com a opressão que se dá por meio da chamada luta de classes.

Segundo Boff, em sua obra *Teologia do Cativo e da Libertação* (1975), os países subdesenvolvidos estão à margem dos países desenvolvidos, e cada vez mais excluídos pelo projeto liberal. Para isso, o autor defende ser necessária a construção de um projeto de libertação, opondo-se ao assistencialismo prestado pela igreja.

Como contexto histórico da gênese das ideias que configuraram a Teologia da Libertação, encontram-se as ditaduras civil-militares da América Latina. Um de seus aspectos centrais foi a Doutrina de Segurança Nacional, que foi a institucionalização da repressão por parte do Estado. Nessas ditaduras, a DSN decorreu da pressão exercida pelo capital internacional e pelas elites, para que pudessem reprimir a oposição e manter o sistema ditatorial em vigor (PADRÓS, 2005, p. 53).

Enrique Serra Padrós (2005), em sua tese *Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional (1968-1985): do pachecato à ditadura civil-militar*, afirma que uma das premissas da Doutrina de Segurança Nacional é a

rejeição da ideia da divisão da sociedade em classes. A partir disso, pode-se analisar a ideologia da ditadura e os agentes que ela visava combater. A oposição a ela se identificava com as ideias marxistas, e portanto, concebendo a sociedade como uma divisão de classes (PADRÓS, 2005, p. 52).

No pensamento que embasa a DSN,

O cidadão não se realiza enquanto indivíduo ou em função de uma identidade de classe. É a consciência de pertencimento de uma identidade nacional coesa que potencializa o ser humano e viabiliza a satisfação das suas demandas. Nesse sentido, qualquer entendimento que aponte a existência de antagonismos sociais ou questionamentos que explicitem a dissimulação de interesses de classes por detrás dos setores políticos dirigentes é identificada como nociva aos interesses da "nação" e, portanto, deve ser combatida como tal (PADRÓS, 2005, p. 52-53).

Em outra tese, elaborada por Caroline Silveira Bauer (2011), intitulada *Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares Argentina e Brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países*, a autora afirma que as ditaduras possuíam inimigos, considerados até terroristas, sendo a DSN uma forma de combatê-los.

É correto afirmar que o sistema repressivo da ditadura, através da Doutrina de Segurança Nacional, visava silenciar e eliminar os opositores. Além disso, as elites e o governo, financiados pelo governo dos Estados Unidos, tinham por objetivo o controle sobre o subcontinente latino-americano. A melhor forma para isso ocorrer seria "controlando" o povo e utilizando os meios necessários para tal.

Outra doutrina importante para entender o contexto histórico da Teologia da Libertação é a Doutrina Social da Igreja, comumente chamada de DSI. Essa doutrina é a prática de como deve ser interpretada a sociedade e os conceitos da igreja. Uma definição auxilia no entendimento do fenômeno é enxergar a DSI como "um corpo doutrinário da Igreja Católica, constituído de orientações filosóficas e teológicas que promovem diretrizes éticas para a melhor organização econômica e política das sociedades humanas" (RIBEIRO; CARVALHO; OREIRO, 2019, p. 715).

A DSI surge em um contexto de pós-industrialização, pois a igreja acreditava ser necessário um olhar sobre as questões sociais, em especial para seus fiéis mais necessitados. No livro *DOCAT Como agir?*⁴ (2016) pode-se encontrar a definição da Rerum Novarum, que é uma carta elaborada pelo Papa Leão XIII, a fim de trazer

⁴ O livro DOCAT é uma tradução popular da Doutrina Social da Igreja Católica. É um livro voltado para a juventude, a fim de explicar a DSI de forma didática. O livro foi publicado pela Conferência Episcopal Austríaca em 07/04/2016, com a colaboração de diversos autores e um prefácio escrito pelo Papa Francisco.

uma leitura das condições da classe trabalhadora da época. No livro, é apresentado da seguinte forma:

a maior parte dos homens já não estava ocupada na agricultura, mas sim na indústria. Não havia proteção no trabalho, não havia seguros de doenças, não havia direito a férias, era frequente o trabalho infantil... Para o Papa Leão XIII, tornou-se claro que ele tinha de reagir com uma medida extraordinária (2016, p. 36).

Para que se entenda mais a fundo, a DSI tem por premissa que o homem é um ser social. Nesse sentido, é correto afirmar que, por estar inserido em uma comunidade e ser um agente social, o homem se relaciona e se constrói através do seu meio.

Ainda no livro mencionado, são descritos os objetivos da DSI. São eles:

Enfatizar as obrigações da ação social e justa, tal como aparecem no Evangelho.
Protestar em nome da justiça, sempre que estruturas sociais, econômicas ou políticas contradizem a mensagem do Evangelho. A fé cristã tem um conceito claro da dignidade do homem e daí deduz determinados princípios, normas e valores que permitem uma ordem social livre e justa (2016, p. 34-35).

Nessas interpretações, percebe-se que o homem não é visto como um ser individual. Por estar em conjunto com a sociedade, deve se construir justo e solidário. Para isso, normalmente a igreja vai se atualizando com as condições sociais do seu tempo, a fim de combater a desigualdade.

Portanto, pode-se concluir os objetivos das duas doutrinas citadas. A primeira visava combater a oposição dos sistemas ditatoriais, isso inclui os adeptos da Teologia da Libertação, uma vez que eram impulsionados pela Doutrina Social da Igreja e pelas revoluções, como a Cubana em 1959.

Ao trazer as ideias de Leonardo Boff, é importante salientar a importância que ele dá à questão do conceito de libertação, por isso a relevância dele nesta monografia. A libertação dos povos, como citado, é o que rege a Teologia da Libertação. Sem esse conceito de liberdade, seria difícil afirmar que há uma TdL. Embora o teólogo não tenha produzido uma historiografia, ajudou a fundar as partes teóricas, sendo relevância e referência quando se trata da TdL.

Em seu trabalho *A historiografia da Teologia da Libertação e a Questão dos Pares Assimétricos* (2012), o historiador Mairon Escorsi Valério se prontifica a

analisar a trajetória da Teologia da Libertação, mas, além disso, discorre sobre os pares assimétricos. Os pares constituem o confronto de dois pensamentos: a "igreja popular", também chamada de "basismo", *versus* a "igreja oficial" ou "vertical". Nessa perspectiva, pode-se analisar mais a fundo por qual razão é relacionada a Teologia da Libertação com a ideia da igreja popular e o que isso significa. Conforme afirma o autor, há um

embate bipolar entre o catolicismo oficial e a Igreja influenciada pela teologia da libertação, denominada de Igreja Popular. O primeiro era sempre denunciado pelo status quo da miséria social. A segunda declarava fundamentar-se numa aliança entre a ação conscientizadora de seus agentes eclesiais e suas bases populares conscientizadas. Estabelecia-se assim, uma série de oposições assimétricas bem simplistas entre: o progressivo e o conservadorismo católico; o surgimento de um projeto eclesial construído desde as bases e o apego da instituição ao seu princípio vertical de autoridade; uma teologia propriamente latino-americana, concreta e dialética, e a teologia europeia, abstrata e exógena; entre religião libertadora e alienação religiosa (VALÉRIO, 2012, p. 162).

Observa-se que há esse conflito interno da Igreja Católica. Se por um lado há uma igreja que visa conservar os costumes e tradições, sem romper com o *status quo* - isso por diversas razões, mas destaca-se, aqui, a questão econômica -, por outro lado, existe uma igreja que busca romper com o *status quo* e proporcionar outras interpretações da vida política, social, econômica e eclesial.

Contudo, Valério ressalta que não se pode ater a essa simples divisão. A igreja possui diversas ramificações de pensamentos e leituras e isso é válido tanto para a corrente conservadora, quanto para a corrente progressista, e limitá-los a essa relação ambígua não proporciona aberturas para o fortalecimento de outras ideias e interpretações. Conforme afirma o autor, "a conceituação bipolar assimétrica entre Igreja Oficial versus Igreja Popular obscurece a grande diversidade interna à Igreja e uma grande multiplicidade de práticas religiosas que não podem ser encaixadas nessa estrutura binomial" (VALÉRIO, 2012, p. 168).

Mesmo que esta ambiguidade ainda exista, a igreja popular ganha força a partir de participações em processos revolucionários em alguns países, como por exemplo, em Cuba e na Nicarágua. Quem traz estas experiências, de modo mais afincado, é o historiador Sandro Ramon Ferreira da Silva em sua dissertação *Teologia Da Libertação: Revolução e Reação Interiorizadas na Igreja* (2006), defendida na Universidade Federal de Fluminense.

Silva (2006, p. 38-39) afirma que:

A fase de formulação da Teologia da Libertação (1968 - 1975), corresponde ao período de maior efervescência política do continente. Como já afirmado, não somente a teologia versava sobre libertação, mas toda a esquerda do continente, principalmente a partir da teoria da dependência. Na década de 1960, a América Latina esteve em estado de ebulição com golpes e contra-golpes de Estado. Com uma crescente ação de guerrilheiros e a firme crença de que seria possível repetir, do México à Argentina, aquilo que Fidel realizara em Cuba, a partir de 1959. A própria figura de Che Guevara, ainda vivo até 1967, aumentava a expectativa de mudanças e rupturas da ordem estabelecida, e espalhava o sonho revolucionário, principalmente entre os jovens que iriam mitificá-lo.

Nesse sentido, pode-se observar que a Revolução Cubana foi um processo chave para o desenvolvimento da Teologia da Libertação. Esse processo revolucionário, inspirado nas figuras de Che Guevara e Fidel Castro, libertou a ilha do sistema ditatorial de Fulgêncio Batista e implantou as ideias comunistas. Isso impactou toda a América Latina. E, nesta concepção, vários movimentos sociais e movimentos revolucionários sentiram-se motivados a continuar o legado do povo cubano. Então, inspirados nesse processo revolucionário, o historiador destaca alguns destes movimentos revolucionários. São eles:

Sendero Luminoso, do Peru; diversas organizações no Brasil, tais como, Ação Libertadora Nacional (ALN), Frente de Libertação Nacional (FLN), o Colina; e tantos outros; as Forças Revolucionárias Colombianas (Farcs); a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na Nicarágua; a Frente Martí Faribundo de Libertação Nacional (FMLN), em El Salvador (SILVA, 2006, p. 32).

Destaca-se, no contexto de influências da TdL, a Frente Sandinista de Libertação Nacional, que derrubou o Anastácio Somoza e iniciou um novo regime de caráter socialista na América Latina (SILVA, 2006, p. 87).

A FSLN é destacável pelo fato de que a Teologia da Libertação foi fortemente envolvida e influenciou de maneira simbólica, principalmente pela participação da juventude. O autor Sandro Ramon Ferreira da Silva (2006, p. 102) ainda afirma:

Em contexto de imperiosa efervescência política, a Igreja da Nicarágua foi certamente a que mais se polarizou no continente entre favoráveis e contrários à Teologia da Libertação. Até porque, foi aquela que teve certamente uma das experiências mais intensas na ação dos padres progressistas. A divisão do clero no país foi, certamente, uma das causas para a reação vaticana contra a TL a partir de 1983, quando o Papa em visita ao país presenciou a dramática situação interna da instituição religiosa daquele país.

Sandro Ramon Ferreira da Silva (2006, p. 102) alega que:

Um clérigo de atuação preponderante na Igreja popular local foi Fernando Cardenal. Adepto da TL dedicou-se ao trabalho com jovens aplicando retiros e exercícios espirituais. Em 1973 fundou o Movimento Cristão Revolucionário que daria muitos líderes a Frente Sandinista. Centenas de jovens católicos participaram da luta contra o regime e a Guarda Nacional. Jovens saídos de movimentos de caráter eclesial como os Universitários Cristãos Revolucionários, Estudantes Cristãos por la Revolución, ou Comunidades Cristianas Juveniles de Base.

Em relação ao papel protagonista da juventude, o autor Michael Löwy destaca, além da Frente Sandinista, o exemplo do Brasil, com as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), fundamentais para o desenvolvimento da TdL no país.

Löwy (2016, p. 95) define:

Com relação à Igreja como estrutura institucional, a grande mudança que ocorreu a partir da década de 1960 foi o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs – sobretudo no Brasil, onde elas reúnem centenas de milhares (talvez milhões) de cristãos, e, em menor escala, em todo o continente. A comunidade de base é um pequeno grupo de vizinhos que pertencem à mesma comunidade, favela, aldeia ou zona rural populares e que se reúnem regularmente para rezar, cantar, comemorar, ler a Bíblia e discuti-la à luz de sua própria existência de vida. É preciso enfatizar que as CEBs são muito mais convencionalmente religiosas do que se imagina geralmente: elas apreciam e praticam uma série de orações e ritos tradicionais (o rosário, vigílias noturnas, adoração, e comemorações como procissões e peregrinações) que pertencem à religião popular.

É nos encontros das Comunidades Eclesiais de Base que ocorre uma aproximação entre a TdL e os católicos da base, ou seja, aqueles fiéis das pequenas comunidades e paróquias eclesiais. A ideia de uma igreja popular, voltada para os oprimidos, vem à tona nesses encontros da base da igreja católica. Na análise de Michael Löwy, os agentes participantes das Comunidades Eclesiais de Base têm diversos objetivos, entre os quais os teólogos da libertação ganham um papel fundamental, principalmente na luta contra a modernidade capitalista. Como destaca Löwy (2016, p. 111-112):

uma das atividades principais das pastorais populares, tais como a pastoral da terra ou a pastoral indígena, é a defesa das comunidades tradicionais (de camponeses pobres ou de tribos indígenas) ameaçadas pela voracidade das grandes empresas agroindustriais ou pelos imensos projetos estatais de modernização. Na periferia caótica dos centros urbanos, seu objetivo é reconstruir, através das CEBs, um estilo de vida comunitário, com a ajuda das tradições do passado rural que ainda estão presentes na memória coletiva dos pobres — hábitos de cooperação, solidariedade e ajuda mútua.

Então, é possível afirmar que há uma relação entre a TdL e as CEB's, no sentido de que uma fornece a teoria para a práxis da outra. Entretanto, uma crítica necessita ser feita. Conforme afirma o historiador Mairon Escorsi Valério, há um distanciamento entre os principais teólogos da libertação e os fiéis da base da igreja católica.

Apesar do discurso dos teólogos da libertação buscar essa identificação constante com os de baixo quando se trata de pensar a gênese da teologia da libertação, o surgimento e desenvolvimento dela estão mais relacionados, por um lado, com uma religiosidade vivenciada por leigos e clérigos comprometidos com o catolicismo social radicalizado do início dos anos 1960 e que era denominado de esquerda católica, e por outro, relacionado à alta hierarquia que por meio de bispos e instituições estimulou os teólogos a uma produção crítica (VALÉRIO, 2012, p. 172-173).

A crítica é ao fato de que a TdL não foi construída pelas pessoas da base, mas sim por bispos - como o Gustavo Gutiérrez - e outros considerados do “alto escalão” da igreja católica. Nesse caso, poderia-se afirmar que apenas uma elite católica participou da elaboração e estruturação da Teologia da Libertação, sem a participação dos leigos. Embora, como visto acima, a aproximação da TdL com as CEB's tenha sido um processo de aproximar a base às ideias de uma igreja popular, por muito tempo as mantiveram afastadas, principalmente pelo fato de terem sido construídas por bispos.

A reflexão acima mostra como há diversas falhas nos níveis hierárquicos da Igreja Católica, portanto, torna-se uma contradição, visto que a libertação do povo não foi discutida com o próprio povo mas, sim, com os bispos considerados do alto escalão.

Por fim, cabe salientar que há um vasto campo historiográfico que permeia a Teologia da Libertação, que permite seu desenvolvimento por teólogos, historiadores, filósofos, sociólogos, entre outros. Não seria utópico imaginar novas interpretações em relação à TdL, sendo o objetivo do trabalho fornecer aportes para futuras análises historiográficas. Mas fica um questionamento importante: quais as limitações da Teologia da Libertação? E, por qual razão Michael Löwy constrói a ideia de Cristianismo da Libertação? Discorrer-se-á sobre essas questões no próximo capítulo.

3 ANÁLISE DA OBRA DE MICHAEL LÖWY

"Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto porque eles são pobres, chamam-me de comunista"

Dom Hélder Câmara

O intuito deste capítulo é construir uma análise mais sistemática do livro *O que é Cristianismo da Libertação - Religião e Política na América Latina* (2016), a fim de elaborar reflexões a partir dos conceitos encontrados. Para isso, o capítulo será dividido em duas partes. A primeira terá como objetivo apresentar o autor Michael Löwy e entender sua trajetória de vida intelectual e acadêmica. No segundo momento, será realizada uma contextualização e análise de conceitos encontrados na obra e, com isso, incluídas novas reflexões acerca do tema.

Michael Löwy é brasileiro, intelectual e marxista, cuja vida acadêmica é uma referência para intelectuais marxistas e progressistas. Löwy nasceu na cidade de São Paulo, no ano de 1938, onde passou uma parte da sua vida. No ano de 1960 concluiu a graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), na qual ocorreram seus primeiros contatos com as ideias marxistas. Já em 1964, na Universidade Paris - Sorbonne, na França, concluiu seu doutorado com a tese *A Teoria da Revolução no Jovem Marx* com a orientação do professor Lucien Goldmann⁵, em que aprofundou seus estudos sobre Karl Marx e a ideologia comunista, e também sobre Max Weber, com o seu estudo sobre o desenvolvimento do capitalismo.

O artigo *A Obra Polissêmica de Michael Löwy* (2018), escrito por Ricardo Antunes, Ricardo Festi e Fabio Querido, apresenta uma análise sobre sua vida intelectual e pessoal. Segundo os autores,

É tarefa inglória tentar oferecer uma síntese de seu *labor* intelectual. Após muitas décadas de intensa atividade, Löwy se revela como um dos mais importantes cientistas sociais em atividade, brindando-nos com uma obra multifacetada e, por isso mesmo, reveladora de um autor que, pela sua capacidade analítica e pelos conteúdos apresentados, situa-se na contramão da tendência crescente à especialização do trabalho acadêmico, além de contraditar, sempre com alto rigor reflexivo, tantos modismos que

⁵ Lucien Goldmann (1913-1970) foi um sociólogo e filósofo marxista que influenciou em sua época. Seus estudos analisam a sociedade e a cultura através do materialismo histórico.

pautaram (e ainda pautam) a sociologia da cultura ao longo desse vasto período (ANTUNES; FESTI; QUERIDO, p. 215, 2018).

A partir disso, pode-se dizer que, por possuir elevado nível intelectual, suas interpretações são críticas e profundas. Como já destacado no artigo, Löwy navega em uma vasta gama de temáticas que abrangem a *teoria social* e as *trajetórias intelectuais* de autores como Marx, Lukács, Walter Benjamin, Weber (ANTUNES; FESTI; QUERIDO, p. 215, 2018), construindo, assim, um diálogo entre os autores.

No período de transição entre sua juventude acadêmica e suas produções mais intelectuais como professor, aproximou-se dos estudos em relação aos movimentos progressistas da América Latina. Como citam os autores, Michael Löwy (2018, p. 2)

tratou de temática “quase proibida” da relação entre cristãos e marxistas, ao oferecer tantas confluências entre marxismo e teologia da libertação e sobre como esses movimentos latino-americanos estampavam uma efetiva dimensão emancipadora que os aproximava profundamente.

É nesta linha de pensamento que o autor vai produzir a obra *O que é Cristianismo da Libertação – Religião e Política na América Latina*, na qual reúne o seu estudo sobre a Igreja Católica e as ideias de uma teologia que estava sendo desenvolvida e pensada para a libertação do povo latino americano. Esse movimento significou uma aproximação teórica sobre o que seria e o que viria ser a TdL e por quais razões recebeu influências marxistas, contrariando um sistema que historicamente é conservador.

No âmbito literário, Michael Löwy possui diversos escritos sobre a América Latina, em especial o livro *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais* (1999) que reúne artigos sobre o contexto social, político e econômico do subcontinente, a partir da visão de autores marxistas. Outras obras importantes são *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Manchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento* (1987), *Marxismo, Modernidade e Utopia* (2000), *Nacionalismo e Internacionalismos: da época de Marx até os nossos dias* (2000) e *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo* (2002). Essas obras analíticas são resultado de anos de pesquisa e envolvimento com colaboração de outros autores renomados, como o seu professor e orientador Lucien Goldmann.

Segundo a Boitempo, editora que lançou diversos livros do Michael Löwy, ele está, atualmente, residindo na França e faz parte do Centre National de la Recherche Scientifique, um órgão referência no âmbito de pesquisas. É professor emérito da École des Hautes Études en Sciences Sociales e coordenador da coleção sobre marxismo na editora brasileira Boitempo. Continua produzindo intelectualmente, sobretudo, tratando sobre o Ecosocialismo⁶, um sistema que alinha o socialismo com a ecologia, argumentando, de forma geral, que não pode haver ecologia verdadeira em um sistema capitalista.

Após esta introdução da vida de Michael Löwy, pode-se partir para uma análise conceitual do livro. A obra em análise é dividida em três capítulos, sobre os quais discorreremos com o objetivo de contextualizar e construir análises temáticas e conceituais apresentadas por Michael Löwy. Por essa razão, o objetivo não é realizar um resumo mas, sim, possibilitar que novas percepções sejam contempladas.

Os três capítulos do livro são intitulados: *“Religião e Política: Revistando Marx e Weber”*; *“O Cristianismo da Libertação na América Latina”* e *“Política e Religião na América Latina: Três exemplos”*

Trazendo à tona o primeiro capítulo, pode-se partir da seguinte pergunta: por qual razão o autor utiliza Karl Marx e Max Weber para analisar o desenvolvimento da religião? Isso se justifica de forma simples e contextual. A começar por Karl Marx que outrora utilizou a seguinte frase: “A religião é o ópio do povo”⁷, ou seja, a religião, no seu desenvolver, tornava-se um vício maldoso e ruim. Contudo, observando o contexto desta frase, cabe salientar que fora escrita pelo jovem Marx, ou seja, sua análise da religião é, portanto, pré-marxista, sem qualquer referência às classes sociais e bastante à histórica (LÖWY, 2016, p. 35).

Embora Karl Marx, em um primeiro momento, fosse crítico à religião, não recusava a sua importância no desenvolvimento da política, da luta de classes e do Estado. Com isso, observa-se que Marx utilizava da religião para justificar o desenvolvimento do sistema capitalista e, como este, acabava tornando-se um “Deus”, que em outras palavras, o autor afirma “por outro lado, Marx muitas vezes se referia ao capitalismo como ‘religião do cotidiano’ baseada no fetichismo da

⁶ Para mais informações, ver o artigo Crise Ecológica, Crise Capitalista, Crise de Civilização: a alternativa ecosocialista, de Löwy (2013). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v26n67/a06v26n67.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2020.

⁷ Frase citada na obra *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843).

mercadoria” (LÖWY, 2016, p. 37). Ora, se por um lado há a ideia da luta de classes e a crítica ao acúmulo do capital, gerando as desigualdades sociais, por outro lado ocorre uma dependência e, de certa forma, uma louvação a esse acúmulo de capital. É nessas concepções que os marxistas irão se apropriar e discutir sobre o papel da religião não só na luta de classes, mas na formação dos estados socialistas e comunistas.

No mesmo contexto de Karl Marx, Friedrich Engels⁸ também trouxe análises importantes entre a religião e a política. Engels escreve sobre a influência da religião no sistema cultural de uma sociedade e o quanto seu processo histórico se adequa. Como é citado, a história da religião se constrói “primeiro, como uma religião de escravos, depois como a ideologia estatal do Império Romano, a seguir feita sob medida para a hierarquia feudal e, finalmente, adaptada à sociedade burguesa” (LÖWY, 2016, p. 38). Contudo, Engels, assim como Marx, entende que há um caráter duplo da religião, ou seja, há o propósito de manter o *status quo*, ao mesmo tempo em que pode ser aliada em processos da luta de classes.

Após as concepções desenvolvidas por Marx e Engels, diversos teóricos marxistas elaboraram suas visões em relação ao tema. São destacáveis, entre esses estudiosos, Vladimir Lênin⁹ e Rosa Luxemburgo¹⁰ que, em certo ponto de concordância, ressaltaram a importância da religião para a estrutura cultural, social e econômica de uma sociedade. Embora Lênin e Rosa Luxemburgo tenham divergido em diversos aspectos históricos, ambos consideravam que os princípios socialistas deveriam ser incorporados aos princípios religiosos, para que pudessem adotar os ensinamentos de Jesus Cristo, considerado um revolucionário no seu tempo. No seu artigo *Socialismo e Religião* (1905), publicado no jornal *Le Nóvaia Jizn*, ao qual Löwy faz referência no livro, Lênin destaca que o estado socialista deve ser construído no plano terreno, podendo se utilizar de exemplos religiosos, mas ressalta que o estado proletário deve ser laico.

Até aqui, é perceptível que os intelectuais tenham construído críticas às religiões e a defesa de um estado laico. Contudo, entenderam a importância do papel da religião na cultura, no social e, principalmente, em algo que une os

⁸ Friedrich Engels foi intelectual alemão que ajudou na construção das ideias comunistas e, cabe destacar nesta seção, foi adjunto na obra *O Manifesto do Partido Comunista*.

⁹ Vladimir Ilyich Ulianov, conhecido como Lênin, foi o principal líder da Revolução Russa.

¹⁰ Rosa Luxemburgo foi uma intelectual e revolucionária marxista, envolvida na luta feminista e partidária.

pensamentos - exceto em Weber - a luta de classes. E por qual motivo a luta de classes e, posteriormente, a construção de um estado socialista e comunista são influenciados por alguma crença ou religião? E, aprofundando ainda mais a pergunta, por qual razão a igreja católica tem uma influência maior?

Para responder à pergunta, precisa-se olhar para a relação entre a classe proletária e a classe burguesa, sob quais possuem percepções diferentes e com isso utilizam a religião, em especial a Igreja Católica, para interpretá-la de sua maneira. No caso da classe proletária, devem seguir os exemplos de libertação e luta contra o sistema, assim como fez o “Jesus histórico” (LÖWY, p. 24, 2016). No caso da classe burguesa, devem utilizar a religião para se manter no poder e não perder seus privilégios. Portanto, a correlação entre a religião e política chamou a atenção para uma análise mais profunda, principalmente no que concerne à luta de classes e ao desenvolvimento do capitalismo.

Ainda cabe destacar mais dois autores encontrados na obra e deveras importantes para esta análise: Antonio Gramsci e José Carlos Mariátegui. O primeiro a ser abordado é o italiano Antonio Gramsci¹¹, que, em seus estudos sobre como a cultura influencia na manutenção do *status quo*, tentou entender o sistema da Igreja Católica. Michael Löwy (2016, p. 45) assim, diz “foi um dos primeiros marxistas que tentou entender o papel contemporâneo da Igreja e o peso da cultura religiosa entre as massas populares. Nos escritos de sua juventude, Gramsci mostrou ter simpatia pelas formas progressistas de religiosidade”.

Nessa perspectiva, fica evidente que Gramsci tenta compreender como a influência da religião pode interferir na cultura e abordar questões pertinentes ao Estado. Além disso, como ela se torna intrínseca em um povo, ao ponto de seguirem seus dogmas, rituais e sistemas hierárquicos. Como é citado, Gramsci “acreditava” que o cristianismo é, em certas condições históricas, “uma forma necessária da vontade das massas populares, uma forma específica de racionalidade no mundo e da vida” (LÖWY, 2016, p. 46). É plausível concluir que o apego a uma fé e a uma instituição - como a Igreja Católica - torna-se um ato de esperança e de salvação.

O peruano José Carlos Mariátegui¹² traz a concepção da fé revolucionária, ou seja, a fé enquanto libertadora dos povos oprimidos. Esse conceito nos remete a

¹¹ Antonio Gramsci foi um intelectual de referência nos estudos sobre as ideias marxistas e um forte opositor ao sistema fascista.

¹² José Carlos Mariátegui foi um dos pioneiros na América Latina a estudar e adotar o marxismo em seus estudos, iniciando os primeiros esboços teóricos sobre uma fé revolucionária.

uma prática condizente com a crença de uma religião que não oprime mas, sim, constrói com o povo a luta pela libertação. Como ressalta Löwy (2016, p. 52), Mariátegui “tinha a intenção de trazer à tona a dimensão espiritual e ética da luta revolucionária: a fé (mística), a solidariedade, a indignação moral, o compromisso com risco da própria vida (ao que ele chamava “heroico”)

Portanto, a fé revolucionária e libertadora tem o papel de transformar e construir mártires, esses que são mais “cultuados” nos países latino-americanos. Por fim, Mariátegui cria pilares com seus estudos para o começo da Teologia da Libertação, embora ela tenha começado de fato com seu conterrâneo Gustavo Gutierrez.

Ao finalizar essa parte em que analisamos Karl Marx e os estudiosos de sua obra, a partir de conceitos extraídos do livro, pode-se perceber uma visão intrínseca entre o povo, a política e a religião. Além disso, é possível observar que estes acabam se influenciando ao ponto de intervir nas questões culturais e sociais.

Dando prosseguimento à análise, o segundo e terceiro capítulos dialogam, entre si, de forma mais específica, pois no segundo capítulo é encontrada a definição do conceito de Cristianismo da Libertação, e o terceiro traz exemplos da influência da TdL em alguns países. Para que se entenda melhor, devemos começar questionando: afinal, o que é o Cristianismo da Libertação? Em quais pontos difere da Teologia da Libertação? A partir do Cristianismo da Libertação, é possível construir uma nova cultura religiosa?

Como foi visto no primeiro capítulo desta monografia, a TdL, de forma resumida, é um corpo teórico que visa a libertação dos povos oprimidos a partir da luta contra as injustiças. Além disso, deve ocupar as bases da Igreja Católica, ou seja, ocupar as comunidades excluídas e dar voz a elas.

O Cristianismo da Libertação é um conceito que, por sua vez, vai além destas formulações. Como afirma Löwy (2016, p. 74):

Normalmente, refere-se a esse amplo movimento social/religioso como “Teologia da Libertação”, porém, como movimento surgiu muitos anos antes da nova teologia e certamente a maioria de seus ativistas não são teólogos, esse termo não é apropriado; algumas vezes, o movimento é também chamado de “Igreja dos Pobres”, mas, uma vez mais, essa rede social vai bem mais além dos limites da Igreja como instituição, por mais ampla que seja sua definição. Proponho chamá-lo de Cristianismo da Libertação, por ser um conceito mais amplo que “teologia” ou que “Igreja” e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática.

Dois pontos podem ser observados nesse trecho. A primeira questão é que a própria TdL foi elaborada por intelectuais - a maioria teólogos - e por bispos conceituados da Igreja Católica. Isso quer dizer que, de certa forma, o povo das comunidades da igreja não influenciaram a construção desse pensamento, embora seja o público alvo. Portanto, com isso, partindo para a segunda questão - o Cristianismo da Libertação é o conjunto de leigos, movimentos sociais, pastorais sociais, católicos praticantes, bispos e padres que ocupariam o corpo teórico da Teologia da Libertação para construir o Cristianismo da Libertação e, assim, construir uma nova cultura religiosa. Em outras palavras, Löwy (2016, p. 69) afirma que “o Cristianismo da Libertação latino-americano não é apenas uma continuação do anticapitalismo tradicional da Igreja, ou de sua variante da esquerda católica/francesa. Ele é basicamente a criação de uma nova cultura religiosa”.

E qual a relação entre essa nova cultura religiosa e o Cristianismo da Libertação?

A nova cultura religiosa pode ser dividida em dois pontos: o primeiro é a denúncia ao sistema de opressão que gera fome e desigualdade social. O segundo, o anúncio de um sistema oposto, ou seja, um sistema social, político e cultural que provoque rupturas em todos os tipos de opressões e desigualdades sociais. E para construir essa ruptura é necessária a “opção pelos pobres”. Contudo, é importante analisar o conceito de “pobre” nesse contexto. Os pobres, aqui referidos, são aqueles que são excluídos pelas suas condições econômicas, étnicas e sociais. No artigo *O novo significado da “opção pelos pobres” na Teologia da Libertação* (2013), elaborado pelo doutor em Sociologia, Flávio Munhoz Sofiati, pode-se encontrar uma boa leitura sobre a relação dialética entre o conceito de pobre – contextualizado na luta de classes e contextualizado nas análises marxistas – e o Cristianismo da Libertação. Como mostra o autor:

Afirma-se que, com a ampliação da noção de "opção pelos pobres" para questões ecológicas, étnicas, feministas, houve uma diluição da chave de interpretação marxista presente anteriormente, o que significa afirmar que a ideia de classe social contida nas análises dos teólogos da libertação deixa de estar presente em seus estudos mais recentes (MUNHOZ, p. 215, 2013).

Portanto, o conceito de "pobre" analisado é a inclusão de diversos grupos excluídos que devem ser incorporados na construção da sua libertação. Por essa razão é que a opção pelos pobres se torna um dos principais pilares do Cristianismo

da Libertação, visto que esse movimento deve ser feito em conjunto com os mais diversos grupos de luta e assim trazer a nova cultura religiosa em que dará vez e lugar aos oprimidos.

Por fim, pode-se concluir que:

a) A religião é importante para a luta de classes, visto que pode ser utilizada para manter o sistema vigente ou ajudar a rompê-lo.

b) O Cristianismo da Libertação é um conjunto e aliança de setores progressistas que visam uma nova cultura religiosa, principalmente na América Latina. Além disso, cabe afirmar que o Cristianismo da Libertação é um ato político - mas não só - que tem influência sob os dias atuais.

Mas fica um questionamento, através do qual se poderá refletir no próximo capítulo: Teria a TdL ou Cristianismo da Libertação chegado ao fim?¹³

¹³ Michael Löwy encerra o livro com este questionamento. No entanto, a obra é de uma época anterior a este trabalho, fazendo com que surjam novas possibilidades de análises para responder a este questionamento.

4 TERIA A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO CHEGADO AO FIM?

*“Aquí se respira lucha, vamos
caminando Yo canto porque se
escucha”*

Calle 13

A proposta deste capítulo é, assim como fez o autor Michael Löwy em seu último capítulo da obra *O que é Cristianismo da Libertação – Religião e Política na América Latina (2016)*, construir uma reflexão sobre a atual situação da Teologia da Libertação, respondendo a uma pergunta: teria a Teologia da Libertação chegado ao seu fim?

Paulo Freire (1959, p. 23), em sua obra *Educação e Atualidade brasileira*, inicia ponderando que “não há atualidade nacional que não seja processo histórico. Desta forma, toda atualidade é dinâmica e se nutre, entre outros valores, dos que se situam no ‘ontem’ do processo”. É nesse sentido que a Teologia da Libertação vai se encontrar: em um contexto de processo histórico que se renova e atualiza.

Ao findar o século XX e no alvorecer do século XXI, a América Latina passou por um processo político e social transformador e renovador. Um dos fatores de maior relevância foi a ascensão dos partidos progressistas em quase todo o subcontinente. Cabe aqui, antes de tudo, delimitar o conceito de “progressista” nesse contexto. Embora exista uma definição ampla do termo, nos utilizaremos do artigo *América Latina: progressismo, retrocesso e resistência (2018)*, elaborado pelo doutor em Ciência Política, Igor Fuser. Neste, o autor observa que progressismo é

uma palavra constante no discurso político das esquerdas desde a primeira metade do século XX, no sentido de designar os atores políticos favoráveis ao que se costuma chama de “transformação social”, em contraposição ao conservadorismo e ao elitismo, geralmente associados às posições de direita. Refere-se à ideia de “progresso social”, interpretada como a conquista de níveis crescentes de bem-estar para a maioria da população, ampliação dos direitos sociais e igualdade no exercício dos direitos políticos, desenvolvimento econômico, usufruto das riquezas naturais a partir de critérios de soberania nacional (FUSER, 2018, p. 81).

Entre eles, cabe lembrar as figuras que representaram essa frente progressista. A começar pelo Brasil, com a figura do Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores); Argentina, com Néstor Kirchner (Partido Justicialista); Venezuela, com Hugo Chávez (Partido Socialista Unido da Venezuela); Uruguai,

com Tabaré Vázquez (Frente Ampla); Equador, com Rafael Correa (Alianza País); Chile, com Ricardo Froilán Lagos Escobar (Partido Socialista do Chile); Bolívia, com Juan Evo Morales Ayma (Movimento ao Socialismo); e Peru, com Alan Gabriel Ludwig García Pérez (Aliança Popular Revolucionária Americana).

O avanço do campo progressista, segundo Igor Fuser, em seu trabalho *Conquistas e fracassos dos governos progressistas* (2017), ocorreu por diversas razões, em que ele destaca seis. Esses pontos trazem, também, um balanço dos governos, comparando pontos que colocaram as figuras citadas acima na cadeira presidencial. Dentre esses seis pontos, destaca-se três fundamentais para a análise deste capítulo.

O primeiro quesito diz respeito à forma como os progressistas chegaram ao poder, através de pleitos eleitorais e não com revoluções armadas. Como salienta o autor,

a chegada da esquerda aos governos centrais ocorre como uma reação do eleitorado ao fracasso das políticas neoliberais da década de 1990 em proporcionar melhorias nas condições de vida da população. Mesmo nos países onde as propostas do Consenso de Washington obtiveram sucesso em conter a hiperinflação, os bons resultados iniciais logo se diluíram diante do cenário sombrio que marcou o final do século XX, com baixos índices de crescimento, desindustrialização, aumento do desemprego e da exclusão social, agravamento das desigualdades e desmanche das estruturas de proteção social, que já eram precárias (FUSER, 2017, p. 72).

Essa condição mostra que a população, de forma geral, optou por uma mudança política favorável às pautas sociais e que buscasse uma melhoria na classe trabalhadora, que, como ficou perceptível, ficou refém nos governos anteriores.

Esses pontos se interligam a outro aspecto proposto pelo autor que deu vantagem aos progressistas em relação aos conservadores. Segundo o autor,

as gestões progressistas – sejam mais radicais ou mais moderadas – compartilham a ideia de que é necessário recuperar as capacidades do Estado, inclusão com uma forte presença estatal na economia, para promover e orientar o desenvolvimento econômico e social. Nesse ponto, difere totalmente do neoliberalismo, que tende a priorizar o mercado e a minimizar o setor público. Outro destaque em todas as gestões progressistas é o esforço para recuperar, em maior ou menor medida, o controle estatal sobre os recursos econômicos naturais, especialmente o petróleo e o gás. Esses governantes implementaram políticas sociais de alta intensidade, com redistribuição (limitada) da renda, valorização do trabalho, e “inversão das prioridades”, favorecendo os investimentos públicos em saúde, educação, moradia e infraestrutura, em benefício das camadas

populares. Em política externa, destacaram-se pela busca de maior autonomia, numa postura que teve como marco a rejeição, em 2005, do projeto estadunidense da Área de Livre-Comércio das Américas (ALCA) (2017, p. 73).

De fato, essa perspectiva voltada para o social e não ao econômico fez com que a população escolhesse partidos voltados à esquerda. Entretanto, algumas figuras políticas que se tornaram presidentes saíram das classes mais populares da sociedade, o que fez com que o povo se sentisse representado. Fuser (2017, p. 72 - 73) ressalta isso da seguinte forma:

os líderes políticos de esquerda que chegam à presidência a partir do final do século XX são originários, em diversos casos, das camadas desfavorecidas da sociedade. Essa é uma circunstância que, dada a vinculação entre raça e hierarquia social vigente na América Latina desde a época colonial, se expressa também na sua ligação com grupos étnicos subalternos. Os exemplos são evidentes. Lula, um ex-operário, nasceu em uma família de retirantes nordestinos. O boliviano Morales, líder dos plantadores de coca no seu país, é filho de indígenas (mãe aimará e pai quéchua). E o venezuelano Chávez descende de brancos, negros e índios. Mesmo nos casos em que os governantes provêm da “elite branca”, sua trajetória política se vincula a instrumentos de representação das demandas populares na esfera pública: o partido peronista (Néstor e Cristina Kirchner), a Frente Ampla uruguaia (Tabaré Vázquez e Pepe Mujica), o catolicismo popular da Teologia da Libertação (o presidente deposto do Paraguai, Fernando Lugo), a intelectualidade anti-oligárquica (o equatoriano Rafael Correa).

É notável que essas e outras características surpreenderam e venceram, no pleito eleitoral, as elites locais. Ao pensar nesse contexto, pode-se analisar alguns casos sistemáticos em que a TdL esteve atrelada. Mas por quê? Pela razão de que, se quisermos questionar se a Teologia da Libertação chegou ao seu fim, é imprescindível que nossa análise parta de como ela se encontra na atual conjuntura.

Mairon Escorsi Valério, em seu artigo *A teologia da libertação argentina e a identidade cultural da América Latina* (2012), apresenta a TdL como aliada ao peronismo e seu projeto antiimperialista de revolução nacional-populista (p. 68). Isso quer dizer, também, que não optou por correntes marxistas (p. 67)¹⁴. Dado esse fato, a TdL adaptou-se ao peronismo, sendo um movimento que persiste forte nas ideologias argentinas, em que o maior exemplo é a eleição da chapa de Alberto Fernández e Cristina Kirchner, aliados à ideologia peronista. Portanto, essa

¹⁴ Segundo Mairon Escorsi Valério, essa opção ocorreu em torno do surgimento de uma questão sócio-cultural (p. 67). Em outras palavras, isso ocorreu para que fosse construída a possibilidade de uma verdadeira libertação nacional por meio de um socialismo latino-americano (p. 68).

adaptação tornou-se relevante para que a TdL continuasse com suas ideias, formando uma via própria da Teologia da Libertação voltada para os projetos nacionalistas.

Já no Chile, a TdL é diferente em relação ao caso argentino. Os marxistas e católicos fizeram um esforço para construir uma aliança contundente rumo ao objetivo de formar o “Cristianos por el Socialismo”, por volta de 1965. Quem afirma isso é o historiador Eduardo Matheus de Souza Dianna em seu artigo *A Teologia da Libertação e o Movimento dos Cristãos para o Socialismo no Chile entre os anos de 1970 e 1973* (2016). Segundo ele, “no Chile, o diálogo entre o marxismo e o cristianismo tem como marco o ano de 1965” (DIANNA, 2016, p. 3), e, em um primeiro momento, “marxistas e cristãos naquele ano se juntaram para denunciar a invasão norte-americana na República Dominicana”. (DIANNA, 2016, p.3).

Além disso, como demonstra o autor, essa aliança formada por católicos e marxistas foi fundada com a ideia de Salvador Allende e contribuiu para a construção da Unidade Popular (UP). Assim, afirma Dianna (2016, p. 11):

Os Cristianos por el Socialismo aparentam ter sido uma das criações mais genuínas do singular contexto da tentativa de revolução socialista proposta por Salvador Allende nos anos de 1970 a 1973. A criação e o desenvolvimento do grupo só foram possíveis graças ao diálogo - iniciado no Chile em 1965 - entre duas forças que num primeiro momento parecem antagônicas: o cristianismo e o marxismo.

Então, pode-se afirmar que a TdL esteve atrelada com a esquerda chilena e ajudou a construir um movimento de base e revolucionário, proposto pela Unidade Popular (UP). Nesse sentido, serviu como aporte teórico para esse movimento. Como afirma o autor,

os Cristianos por el Socialismo tomaram conta da sua realidade e passaram a tentar construir um conjunto de ideias que levassem em conta a importância e a emancipação do trabalhador, esse corpo de ideias estava estreitamente ligado ao Evangelho cristão, à Teologia da Libertação e em ideias seletivas do marxismo (DIANNA, 2016, p. 11).

Esses dois casos latino-americanos, embora possuam alguns pontos distintos, dialogam ao tentar construir com o campo progressista. Mesmo que, no caso Argentino, o nacionalismo perpetue, no chileno podemos observar a importância do alinhamento com os marxistas revolucionários. Entretanto, não cabe,

aqui, julgar qual está certo ou errado, pois cada qual foi construído em seu contexto histórico.

A partir dessas situações, é possível situar um momento que foi uma reviravolta para a igreja latino-americana e, conseqüentemente, para a TdL. No ano de 2013, a Igreja Católica realizava mais um conclave¹⁵, no qual definiu Jorge Mario Bergoglio para ser pontífice. Escolhendo o nome de Francisco - por pertencer aos franciscanos – já mostrava por qual linha seguiria nos próximos anos. Uma das razões desta reviravolta, em escolher um argentino para o cargo supremo da Igreja, foi o pontificado de Bento XVI.

No artigo *Os excessos da identidade: Bento XVI e a Questão da Tolerância* (2008), o professor de filosofia, Homero Santiago, mostra como o período de Bento XVI centralizou o poder a uma identidade única. Conforme o autor,

em julho de 2007, um documento oficial do Vaticano define a Igreja católica como a “única igreja” de Cristo. As igrejas protestantes não seriam “igrejas” em sentido próprio, e a graça divina que algum de seus seguidores poderia eventualmente atingir seria sempre menor que a de um católico. (2008, p. 198).

A ideia trazida pelo Bento XVI de que a Igreja Católica é a única que representa o verdadeiro Jesus Cristo trouxe diversas polêmicas, como o discurso proferido pelo pontífice em que ataca Maomé, gerando conflitos com os muçulmanos (p. 197). Além disso, ao decorrer do texto, o autor argumenta que Bento XVI não possuía uma tolerância religiosa, o que, em outras palavras, significa dizer que "para que eu ame o próximo como a mim mesmo, o próximo deve começar sendo igualzinho a mim mesmo" (p. 209).

Outra questão notável apresentada é o discurso de Bento XVI referente à América Latina, discurso este proferido na abertura da V CELAM (Conferência geral do episcopado da América Latina e do Caribe) em que “referindo-se à colonização do continente americano, o papa afirma que a cristianização da América ‘não supôs, em qualquer momento, uma alienação das culturas pré-colombianas, nem foi uma imposição de uma cultura alheia’” (p. 198).

Posto isso, Bento XVI renunciou em 2013. Fica evidente que a Igreja Católica estava em crise e precisava de uma renovação. Um dos caminhos para isso foi a chegada de Jorge Mario Bergoglio ao papado, que adotou o nome de

¹⁵ O conclave é o processo de escolha papal, em que os cardeais da Igreja reúnem-se para escolher o seu próximo líder.

Francisco. Isso foi algo que impactou todo o mundo, tanto é que se tornou o primeiro Papa latino-americano a assumir esta condição¹⁶. O trabalho *O Papa Francisco e a Teologia da Libertação* (2007), escrito por Antonio Manzatto, professor da Faculdade de Teologia da PUC-SP, mostra que

o primeiro jesuíta e o primeiro latino-americano a assumir o papado, e que decidiu chamar-se Francisco. Suas primeiras palavras e seus primeiros gestos já apontavam para uma novidade inesperada, a de simplicidade e humanidade. Seu posicionamento inicial, que seria confrmado mais tarde, trazia à tona o que o Concílio Vaticano II havia proposto há cinquenta anos. Preferindo apresentar-se como bispo de Roma, decidiu também habitar aposentos mais simples, trabalhar em equipe e, em colegialidade, promover as reformas que se esperavam dele (MANZATO, 2007, p. 195-196).

Desse modo, o Papa Francisco demonstra uma aproximação com a TdL, principalmente em relação às pautas sociais e às ações pastorais.

O método adotado pela TdL, ao decorrer do seu desenvolvimento, é o ver-julgar-agir. Inclusive, esse método é utilizado em diversos encontros das pastorais sociais e encontros das CEB's. Não há como definir esse método de forma que não seja subjetivo, ou seja, é preciso defini-lo a partir das realidades sociais dos encontros, entretanto Manzatto (2007, p. 186) define-o da seguinte forma:

Trata-se da necessidade de compreender o real, o contexto onde se vive, o mundo onde a Igreja está inserida e onde os cristãos vivem sua vida de fé. Quanto mais profundamente se conhecer este mundo onde se vive, mais pertinentes serão os apontamentos de ações que podem modificá-lo. Daí a necessidade de analisar o melhor possível a realidade, inclusive com apelo às ciências do social. É o que se convencionou chamar de mediação sócio-analítica.

Ao utilizar esse método em seus discursos, o pontífice acusa a realidade social, assolada pelas desigualdades, julga essas condições e as condena, procurando algumas soluções. Cito aqui um exemplo para evidenciar melhor essa questão¹⁷.

Em setembro de 2020, a ONU (Organização das Nações Unidas) realizou mais um encontro com os chefes de estado. O Papa Francisco, enquanto chefe de

¹⁶ Ver mais em <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>.

¹⁷ É importante esclarecer que há diversos discursos progressistas do Papa Francisco, e que, por vezes, é julgado pelo clero.

estado do Vaticano, se fez presente e denunciou o caso da Amazônia, que afeta principalmente os povos indígenas, além de alegar que a pandemia do Coronavírus alastrou as crises sociais.¹⁸ O Papa trouxe à tona que o período representaria uma oportunidade concreta de transformar o modo que as pessoas vivem, para reduzir o abismo entre ricos e pobres, e que a saúde deveria tornar-se, urgentemente, universal¹⁹.

Pode-se identificar, no discurso, o ver-julgar-agir. O "ver" seria encarar a realidade que assola a Amazônia, destruindo uma boa parte do ecossistema e a análise social gerada pela pandemia. O "julgar" é encarar essa realidade, obtendo o máximo de informações e conhecimento sobre os assuntos. Além disso, no seu pronunciamento, condena a raiz desse problema: o sistema capitalista. Por fim, a ação, ou o "agir", seria construir uma forma de solucionar isso. Embora não tenha feito isso de forma sucinta, em seu discurso defende, por exemplo, a universalização da saúde, uma saída para as privatizações que dificultam seu acesso pelas populações mais carentes.

Portanto, com a figura de Francisco, a TdL ganha espaço e força. Entretanto, mesmo que a Igreja Católica tenha renovado e buscado um alinhamento com as pautas sociais, há um fator que precisa ser destacado: o aumento das igrejas evangélicas em regiões classificadas como periferias.

Para a discussão envolvendo esse tema, o Instituto Humanitas Unisinos (IHU) realizou uma entrevista com a professora da Universidade Federal de Fluminense, Christina Vital da Cunha²⁰. Antes de tudo, cabe destacar uma estatística expressiva. Segundo o último censo promovido pelo IBGE, em 2010, o número de evangélicos no Brasil era de 22,22% da população brasileira, ou seja, representava 42.275.440²¹. Embora não haja números atualizados desde 2010, pode-se presumir que esse número tenha aumentado.

Deve haver o questionamento acerca de por qual razão essa ascensão vem ocorrendo. Entre os diversos motivos, a professora da UFF salienta que os

¹⁸Ver mais em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/25/em-discurso-na-onu-papa-francisco-alerta-para-situacao-perigosa-na-amazonia>.

¹⁹ Não irei citar todo o discurso, entretanto cabe ressaltar algumas partes.

²⁰ Ver mais em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566480-a-ascensao-da-cultura-pentecostal-nas-periferias-brasil-e-a-influencia-dos-evangelicos-na-politica>.

²¹Ver mais em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>.

evangélicos acabam apegando-se a uma espécie de Teologia da Prosperidade, que ela define como “um caráter motivacional e que impulsiona as pessoas ao sucesso, orientando-as a não se limitarem” (VITAL, 2017). Isso, aliado com o fato de que o maior número de evangélicos está nas periferias e, portanto, ocorre mais violência e desigualdades, incentiva para que se sintam valorizados e motivados.

Esse apego às questões motivacionais traz uma mensagem de esperança e conforto para aqueles que se enxergam perante as desigualdades e, embora a Teologia da Libertação busque enfrentar essas desigualdades e a opção pelos pobres, faz isso em uma ideia dentro de uma coletividade, ou seja, trabalhando o ser social, construído em conjunto. No que tange aos evangélicos, essa superação da pobreza não acontece no coletivo, mas sim no individual. Sendo assim, não é necessário o outro indivíduo, *em conjunto a mim*, para que as desigualdades sejam superadas, bastando apenas o “eu”.

Outro fator que faz com que os evangélicos consigam adeptos é a forma como eles dialogam com seus fiéis, utilizando de uma linguagem que os motiva. A linguagem que os pastores utilizam conseguem representar os fiéis. Lembrando que as igrejas evangélicas não estão apenas nas periferias, entretanto, cresceram expressivamente nessas áreas.

Contudo, não foi apenas nas periferias que cresceram, mas também na esfera política. E, nesse caso, utiliza-se o exemplo do Brasil. O congresso e o senado possuem diversas bancadas, sendo uma delas a chamada bancada evangélica, formada por religiosos conservadores. Os evangélicos possuem 105 deputados e 15 senadores, conforme aponta o site Congresso em Foco²². Referente a isso, o próprio site afirma que, em 1994, esse número era de 21 deputados evangélicos, ou seja, houve um aumento expressivo, pois a sociedade os escolheu para representá-la.

Além do caso do legislativo, pode-se observar o poder executivo. O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) faz parte desta linha evangélica, o que fez com que, ao escolher seus ministros, os dividisse em militares e evangélicos. No que diz respeito aos ministros evangélicos, cabe destacar a ministra Damares Alves da pasta Mulher, Família e Direitos, o ministro André Mendonça da pasta da Justiça

²²Ver <https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/veja-quais-deputados-e-senadores-fazem-parte-da-bancada-evangelica/> mais em:

e Segurança Pública, e Milton Ribeiro, ministro da Educação. Portanto, esse fato deve ser observado cuidadosamente, principalmente pelos setores progressistas. Em especial, pode ser elaborada a seguinte questão: em que momento o espectro político da direita superou o espectro político da esquerda e conseguiu dialogar com as periferias?

Mesmo com o aumento dos evangélicos em alguns setores, a TdL ainda possui alguns representantes. Neste caso, de forma recente, cabe destacar a figura do padre Júlio Lancellotti que, há 35 anos, trabalha com os moradores de rua de São Paulo²³. Um padre que nesse período denunciou o sistema desigual que assola os moradores de rua e os coloca nessas condições. Segundo o site do UOL, atualmente, mais de 500 pessoas se deslocam até sua paróquia para se alimentar. Além disso, o sacerdote trabalhou com portadores de HIV e a população LGBTQI+. Porém, há um preço por essas atitudes.

Conforme o Novo Testamento apresenta, Jesus Cristo era um operário que dedicou parte da sua vida para com os mais vulneráveis. Embora o padre acima citado tenha seguido o exemplo de Cristo, fora condenado por essas ações. Mais recentemente, o YouTuber conservador Arthur do Val atacou o sacerdote, chamando-o de “cafetão da miséria”²⁴. Isso gerou um processo contra o YouTuber, o que o levou a ser condenado pela justiça.

O que se trata em questão, ao observarmos essa situação, é que há um conflito de conservadores religiosos contra o campo progressista e popular, adeptos da Teologia da Libertação.

Em relação a um plano maior, pode-se observar a América Latina em que os evangélicos também cresceram significativamente. Esta afirmação pode ser encontrada na revista IHU (Instituto Humanitas Unisinos)²⁵. De acordo com o artigo publicado no site, escrito por Alver Mettalli (2018): “Os resultados do Pew Research Center atualizados também em 2014 mostram que os católicos latino-americanos baixaram a 69% da população total, enquanto os evangélicos em seu conjunto subiram a 19%”.

²³ Ver mais em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/mundo-excludente-exige-dose-de-rebeldia-diz-padre-julio-lancellotti/#cover>.

²⁴ Ver mais em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/01/arthur-do-val-e-condenado-pela-justica-eleitoral-apos-atacar-padre-julio-lancellotti>.

²⁵ Ver mais em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586680-os-evangelicos-e-o-poder-na-america-latina>.

Esse dado é significativo, porém, não o é aleatório. Pode-se ver dois exemplos em que o governo não conseguiu dialogar com a religião católica. No caso da Bolívia, por exemplo, conforme consta no artigo *Evo Morales e cristianismos na Bolívia: identidades em disputa* (2018), elaborado por Leonardo Gonçalves de Alvarenga e Nelson Lellis (2018, p. 154) – ambos da área da sociologia – o Cristianismo e as políticas de Evo Morales entraram em conflito, sobretudo, a partir da “criação do artigo 14 II – da Constituição da Bolívia”.

A partir desse artigo, a Bolívia tornou-se um estado laico. Entretanto, conforme é construído no texto, o ex-presidente criou esse artigo para reaproximar e valorizar a cultura local, uma vez que ela fora destruída com a chegada dos católicos europeus. Assim, diz o texto

A religião fazia parte de um contexto indissociável da colonização onde um dos objetivos era cristianizar os povos “pagãos”, enquanto que, como visto acima, em outro plano, pretendia-se enriquecer utilizando a força de trabalho nativo. Os povos conquistados eram considerados “menores” e pouquíssimos atingiam algum tipo de status frente aos seus conquistadores” (ALVARENGA, 2018, p. 158).

Esse movimento do presidente tinha por objetivo condenar a colonização católica no país que teria enfraquecido a cultura boliviana. Entretanto, teve um preço. O preço por isso foi a reação negativa dos católicos, em especial, os católicos conservadores. No contexto geral, isso era ofensivo à cultura católica, embora trouxesse à tona uma memória histórica dos povos dizimados pela colonização europeia.

Outro caso a ser observado nesse sentido é na Venezuela. Ocorreu no país venezuelano um fenômeno parecido ao fenômeno boliviano. O professor de Sociologia, David Smilde, elaborou uma pesquisa sobre a religião e política no país sul americano. Ele relata, em seu trabalho *Religião e Conflitos Políticos na Venezuela: Católicos e Evangélicos Frente ao Governo de Hugo Chávez* (2012), que o governo de Hugo Chávez favoreceu os evangélicos ao ponto de receber apoio político dos mesmos. Isso se deve ao fato de que, no país, a maioria dos evangélicos são “pobres” e se sentem representados pelo discurso de Chávez contra as elites (SMILDE, p. 17, 2012). Ainda nesse texto, é apresentado como uma parte do clero católico apoiou uma tentativa de golpe contra o ex-presidente no ano de 2002.

Ao pensar em ambas as situações, tanto da Bolívia quanto da Venezuela, pode-se perceber que o catolicismo – portanto, a TdL – não ganhou forças e representações, ao contrário, enquanto Evo Morales tornava o país laico, Hugo Chávez voltava seu olhar para os evangélicos para conseguir apoios estratégicos. Entretanto, como observamos anteriormente, a TdL ganhou força e espaço em países do continente sul americano.

No intuito de finalizar essa reflexão e, portanto, esse capítulo, a pergunta inicial era: Teria a Teologia da Libertação acabado? Infelizmente, não há como responder essa questão de forma concreta. O que pode ser dito é que foi reinventada através de diversos fatores. A chegada de um papa do campo progressista, a continuação dos encontros das CEB's – em especial no Brasil – e o avanço dos governos progressistas no início do século XXI, trazendo um alinhamento com a TdL.

Como visto no capítulo anterior, Michael Löwy escreve sobre o Cristianismo da Libertação acrescentando que os movimentos sociais também são partes fundamentais da Teologia da Libertação. O que, de fato, precisa ser notado é que a cada processo histórico o Cristianismo da Libertação precisa continuar se reinventando. Porém, cabe aqui uma singela observação referente ao “reinventar-se”.

Concluo refletindo que, com o intuito de trazer a libertação para a América Latina, os cristãos adeptos da TdL precisam continuar discutindo com as bases da igreja, estando cada vez mais próximos dela. Além disso, precisam denunciar as injustiças e preconceitos que hoje permeiam a sociedade. Caso contrário, além de perderem sua essência “revolucionária” e “libertadora”, perderão o apoio dos movimentos sociais e, assim, não terão forças para se reinventar.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de; LELLIS, Nelson. Evo Morales e cristianismos na Bolívia: identidades em disputa. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Paraná. p. 153-174, set. 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/43442/751375138166>. Acesso em: 09 set. 2020.
- ANTUNES, Ricardo *et al.* A Obra Polissêmica de Michael Löwy. **Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades da Universidade Federal da Bahia**, Salvador, v. 31, n. 83, p. 215-219, maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v31n83/0103-4979-ccrh-31-83-0215.pdf>. Acesso em: 07 out. 2020.
- ARAUJO, V. L. D. **História da historiografia como analítica da historicidade**. História da Historiografia, Ouro Preto, n. 12, p. 34-44, ago/2013 Disponível em: <file:///C:/Users/gvarreira/Downloads/620-Texto%20do%20artigo-2549-2-10-20150618.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2020.
- BAUER, Caroline Silveira. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países**. 2011. 446 f. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/29576>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação**. Rio de Janeiro: Multinova, 1975. 132 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/354702851/Boff-Leonardo-Teologia-Do-Cativo-e-Da-Libertacao>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- BRIGHENTI, Agenor. Medellín e Teologia da Libertação: muito mais que uma relação histórica. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 544-575, ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p544/13553>. Acesso em: 07 out. 2020.
- CUNHA, Christina Vital da. **A ascensão da cultura pentecostal nas periferias brasileiras e a influência dos evangélicos na política**. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566480-a-ascensao-da-cultura-pentecostal-nas-periferias-brasileiras-e-a-influencia-dos-evangelicos-na-politica>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- DIANNA, Eduardo Matheus de Souza. A teologia da libertação e o movimento dos cristãos para o socialismo no Chile entre os anos de 1970 e 1973. *In*: XIII Encontro DA ANPUH-MS: Histórias, democracia e possibilidades do saber histórico. **Anais [...]** Coxim: AnPUH-MS, 2016. p. 1-13. Disponível em: http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477398528_ARQUIVO_textocompleto_Anpuh_EduardoDianna.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

EPPLE, A. *et al.* **A História Escrita: teoria e história da historiografia**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 7-241.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. 1959. Tese de Concurso para a Cadeira de História e Educação - Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife.

FUSER, Igor. América Latina: progressismo, retrocesso e resistência. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 78-89, nov. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe3/0103-1104-sdeb-42-spe03-0078.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação Perspectivas**. Editora Loyola, 2000, p 368.

LIBÂNEO, Carlos José. **Cadernos Teologia Pública**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos. 2005. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/016cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020

Löwy, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação: Religião e Política na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016. p. 7-254.

METTALLI, Alver. **Os evangélicos e o poder na América Latina**. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586680-os-evangelicos-e-o-poder-na-america-latina>. Acesso em: 11 set. 2020.

PADRÓS, Enrique Serra. **Como el Uruguay no hay... : terror de Estado e segurança nacional Uruguai (1968-1985) : do pachecato à ditadura civil-militar**. 2005. 2 v. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6149>. Acesso em: 6 abr. 2020.

RIBEIRO, Arthur Rizzi; CARVALHO, Ricardo da Silva; OREIRO, José Luis. A Doutrina Social da Igreja Católica, o novo desenvolvimentismo e a economia social de mercado: diálogos possíveis?. **Brazilian Journal Of Political Economy**, [S.L.], v. 39, n. 4, p. 710-735, dez. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-31572019-3033>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-31572019-3033>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SANTIAGO, Homero. Os excessos da identidade: Bento XVI e a questão da tolerância. **Lua Nova**, São Paulo, v. 74, p. 195-210, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67313615008>. Acesso em: 26 out. 2020.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. **Teologia da Libertação: revolução e reação interiorizadas na igreja**. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/924.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SMILDE, David. Religião e Conflitos Políticos na Venezuela: católicos e evangélicos frente ao governo de hugo Chávez. **Religião & Sociedade**, [S.L.], v. 32, n. 2, p. 13-28, 2012. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/s0100-85872012000200002>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/rs/v32n2/02.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

SOFIATI, Flávio Munhoz. O novo significado da "opção pelos pobres" na Teologia da Libertação. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 25, n. 1, jun. 2013. Disponível em:

scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702013000100011. Acesso em: 13 out. 2020.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. A Historiografia da Teologia da Libertação na América Latina e a Questão dos Pares Assimétricos. **Fronteiras**, Dourados – Mato Grosso do Sul, v. 14, n. 25, p. 161-181, 2012a. Disponível em:

<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1729/1512>. Acesso em: 10 jun. 2020.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. A teologia da libertação argentina e a identidade cultural da América Latina. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 66-84, jul. 2012b. Disponível em:

[file:///C:/Users/gvarreira/Downloads/445-2303-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/gvarreira/Downloads/445-2303-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 14 out. 2020.